

A MOTO, A POEIRA E A LAMPARINA: A JORNADA TRIPLA E O DIÁRIO MANCHADO

Claudiane Gonçalves de Pinho Santos¹.

¹Pedagoga. Licenciada em Geografia. Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional, Supervisão Escolar e Psicomotricidade. Mestranda em Educação. Escritora. Alvorada de Minas, MG.

RESUMO: Este capítulo narra a jornada tripla de uma professora rural que lecionava em condições de extrema precariedade — percorrendo estradas de terra de moto, planejando aulas à luz de lamparina e cumprindo, simultaneamente, obrigações profissionais, domésticas e maternas. A partir de narrativa autobiográfica, aborda o trabalho invisível do professor, o preço físico e emocional da sobrecarga docente e a resiliência como prática cotidiana — não como heroísmo, mas como única alternativa para quem não pode parar. Destinado especialmente às professoras que vivem essa realidade hoje, o capítulo convida à reflexão sobre valorização docente, saúde do trabalhador da educação e o impacto silencioso e duradouro do trabalho em sala de aula. Integra a obra *Da Lamparina ao Gabinete: liderança, fé e superação — da roça à gestão pública* (Santos, 2026), desenvolvida a partir de mais de vinte anos de prática docente no município de Alvorada de Minas, Minas Gerais.

PALAVRAS-CHAVE: Trabalho docente. Jornada tripla. Valorização profissional.

THE MOTORCYCLE, THE DUST AND THE OIL LAMP: THE TRIPLE WORKDAY AND THE STAINED DIARY

ABSTRACT: This chapter narrates the triple workday of a rural teacher who worked under conditions of extreme precariousness — traveling dirt roads by motorcycle, planning lessons by oil lamp light, and simultaneously fulfilling professional, domestic, and maternal obligations. Through autobiographical narrative, it addresses the invisible work of teachers, the physical and emotional price of teacher overload, and resilience as a daily practice — not as heroism, but as the only alternative for those who cannot stop. Intended especially for teachers living this reality today, the chapter invites reflection on teacher valorization, education worker health, and the silent but lasting impact of classroom work. It is part of the book *From the Oil Lamp to the Office* (Santos, 2026).

KEY-WORDS: Teaching work. Triple workday. Professional valorization.

INTRODUÇÃO

Não estou contando isso para me fazer de heroína. Estou contando porque sei que, enquanto você lê estas linhas, existe uma professora em algum município desse Brasil que está fazendo exatamente isso agora. Para essa mulher, este capítulo é um abraço.

Há uma narrativa conveniente sobre a professora dedicada: aquela que chega cedo, fica até tarde, leva trabalho para casa, não reclama, sorri para os alunos mesmo quando está com dor, e ainda encontra energia para participar de formações nos fins de semana. Essa narrativa é real — mas ela omite o preço. Omite o que acontece depois que a porta da escola fecha e a professora ainda não chegou em casa. Omite o que acontece quando a lamparina apaga antes do planejamento terminar.

Este capítulo existe para nomear o que essa narrativa conveniente prefere silenciar: o custo humano, físico e emocional do trabalho docente feminino no Brasil, especialmente nas comunidades rurais e nos municípios pequenos, onde a distância entre o discurso da valorização e a realidade do cotidiano é medida em quilômetros de estrada de terra.

OBJETIVO

Narrar e analisar, a partir da experiência autobiográfica, a jornada tripla da professora rural brasileira, evidenciando o trabalho invisível que sustenta a educação pública e o preço silencioso que esse trabalho cobra do corpo e da saúde das educadoras, contribuindo para o debate sobre valorização docente e condições dignas de trabalho.

METODOLOGIA

Este capítulo adota a pesquisa autobiográfica como metodologia, inserida na tradição das narrativas de vida docente consolidada por autores como Nóvoa (2009) e Passeggi (2011). A narrativa autobiográfica é reconhecida como instrumento legítimo de produção de conhecimento em educação, pois articula experiência vivida, reflexão crítica e produção de sentido. O presente texto integra a obra *Da Lamparina ao Gabinete* (Santos, 2026), desenvolvida ao longo de mais de vinte anos de prática docente e gestão educacional no município de Alvorada de Minas, Minas Gerais.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E DISCUSSÃO

A estrada de terra e o corpo que registra

Antes de chegar à lamparina, havia a moto. E antes da moto, havia a estrada. Muitos não sabem — e os que sabem tendem a romantizar — como é ensinar numa escola rural de município pequeno quando você não tem carro, o ônibus não passa no horário e a distância não perdoa. A solução era a moto. Todos os dias, chovendo ou fazendo sol, na lama do

inverno ou na poeira do verão, eram quilômetros de estrada de terra que separavam minha casa da escola.

A estrada de terra tem uma pedagogia própria: ela ensina que não existe atalho, que o tempo não espera e que o corpo paga o preço do que a política não resolve. Buracos que fazem a moto saltar. Trechos enlameados que exigem equilíbrio e atenção total. O sol na cabeça sem sombra à vista. E quando chegava — frequentemente com os sapatos sujos, o cabelo desfeito pelo vento, o corpo já cansado antes da primeira aula — era preciso entrar em sala como se nada disso tivesse acontecido. Porque os alunos não precisavam saber. Porque a escola não podia parar.

A noite da lamparina

Minha casa, nos primeiros anos de casada, não tinha energia elétrica. Quando todo mundo dormia, quando o Márcio já tinha fechado os olhos e as crianças estavam quietas, eu acendia a lamparina.

A lamparina de óleo diesel é um objeto simples e feroz. Ela dá luz suficiente para enxergar o papel, mas cobra um preço: o cheiro pesado do óleo, o calor que sobe, e — quando fica acesa por horas — aqueles estouros pequenos que a chama dá quando o nível do óleo baixa.

Era nessa luz amarela e instável que eu planejava aulas. Preenchia diários. Corrigia provas. Fazia o trabalho invisível do professor — aquele que nenhum aluno vê, nenhum pai agradece, nenhum salário paga com justiça — mas que é o que separa uma aula viva de uma aula morta.

Certa noite de outubro, o diário verde estava quase completo. Era um daqueles diários de capa dura, robusto, porque precisa resistir ao tempo e às fiscalizações. Meses de registro, de frequência, de conteúdo — a memória burocrática de uma turma inteira estava ali, naquelas páginas verdes. A lamparina deu um estouro. Pequeno. Como um suspiro de aviso. Antes que eu pudesse fazer qualquer coisa, a fuligem negra — aquela fumaça gordurosa do óleo diesel — se soltou em forma de gotícula e pousou no diário.

Eu olhei para aquela mancha preta em meses de trabalho e senti a exaustão de uma vida inteira desaguar num único momento. Chorei. O choro silencioso da mulher que não pode acordar ninguém, que precisa resolver sozinha, que sabe que amanhã tem que acordar cedo de novo.

Limpei o que dava para limpar. Reescrevi o que tinha que reescrever. Fechei o diário. Apaguei a lamparina. Dormi. E no dia seguinte, acordei e fui.

O preço invisível da jornada tripla

A jornada dupla — ou tripla, quando incluímos as obrigações domésticas e maternas — cobra uma fatura que demora para chegar, mas quando chega, chega com juros.

No meu caso, anos de estrada de terra, de vibração constante da moto, de postura forçada pelo esforço físico do deslocamento deixaram marcas. Problemas na coluna. Tensão acumulada no corpo que não tinha hora para se recuperar. Um sistema nervoso que ficou em estado de alerta por tempo demais.

Sofri acidentes ao longo desse período. A correria, a pressão do relógio, o medo de chegar atrasada — tudo isso cobra um preço psicológico que se manifesta no corpo. Quero que você, professora que lê este livro, ouça o que levei tempo demais para aprender: o seu corpo está registrando cada quilômetro, cada noite mal dormida, cada refeição pulada. Ele é paciente, mas não é infinito.

A pesquisa educacional documenta esse fenômeno: segundo levantamentos da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE), mais de 70% dos professores brasileiros apresentam sintomas de estresse crônico relacionado ao trabalho. Entre as mulheres — que representam a maioria esmagadora do magistério público — esse número é ainda mais expressivo, agravado pela acumulação de responsabilidades domésticas e maternas que a sociedade ainda chama de naturais. Não é fraqueza. É aritmética.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se você está lendo este livro às onze da noite, depois de corrigir provas e antes de preparar a aula de amanhã, eu preciso dizer uma coisa:

O que você faz importa. O que você faz na sala de aula muda vidas. Isso não aparece nos índices do MEC. Não aparece no seu contracheque. Mas aparece, décadas depois, na história de um adulto que conta para os filhos: “Tive uma professora que não desistiu de mim.” Você é essa professora. Não desista.

Mas também não se esqueça de que resistir não significa se destruir. A lâmparina ilumina — mas precisa de óleo para continuar. Você também. Cuidar de você não é egoísmo: é condição para continuar fazendo o que faz. O sistema precisa de professoras vivas, inteiras, presentes — não de heroínas exauridas que, sorridentes e caladas, sustentam com o próprio corpo o que as políticas públicas não sustentam.

Que a sua lâmparina continue acesa. Que o seu diário — mesmo manchado, mesmo reescrito — seja a prova de que você esteve aqui, que fez diferença, e que amanhã você vai acordar e ir de novo.

REFERÊNCIAS

CNTE — Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação. **Saúde dos trabalhadores em educação**: relatório de pesquisa. Brasília: CNTE, 2022.

NÓVOA, António. **Professores**: imagens do futuro presente. Lisboa: Educa, 2009.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Narrar é humano! Autobiografar é um processo civilizatório. In: PASSEGGI, M. C.; SILVA, V. B. (org.). **Invenções de vidas, compreensão de itinerários e alternativas de formação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

SANTOS, Claudiane Gonçalves de Pinho. **Da Lamparina ao Gabinete**: liderança, fé e superação — da roça à gestão pública. 1. ed. Brasil: [s.n.], 2026.